



O ATLÂNTICO SUL: CONTEXTO REGIONAL

Therezinha de Castro

INTRODUÇÃO

No contexto geral o Atlântico se distingue dos dois grandes oceanos pela *larga comunicação marítima que estabelece com as duas zonas polares*. O Pacífico tem suas comunicações estranguladas com o Ártico através do Estreito de Bhering; enquanto o Índico se encontra separado dos dois mares gelados pela grande massa terrestre asiática. Conseqüentemente, tendo em vista o sempre crescente destaque que vêm tomando as regiões polares no âmbito das Relações Internacionais, é de suma importância geoestratégica a vasta massa líquida de 81.657.800 km², livre de obstáculos, formada pelo Atlântico. Nessa vasta massa líquida se destaca o *Atlântico Sul, espaço marítimo compreendido entre três frentes*

continentais — América, África e Antártica; e três corredores — o do norte, constituído pela zona de estrangulamento Natal-Dakar, e dois no sul, respectivamente entre a Antártica e as frentes continentais americana-africana, comandados pelo Estreito de Drake e a Passagem do Cabo.

Daí o sentido geoestratégico do corredor vital do Atlântico Sul na faixa de circulação onde se reúnem os grandes oceanos, diante da Antártica, tendo como pontos de amarras o Cabo das Agulhas (35° de latitude sul) na África do Sul e o Cabo Hornos (56° de latitude sul) na Argentina. Embora a demarcação dos círculos polares subsista no norte e no sul, determinando o limite para o término do Atlântico, no hemisfério dito oceânico o *Glacial Antártico inexistente praticamente*. Enquanto o

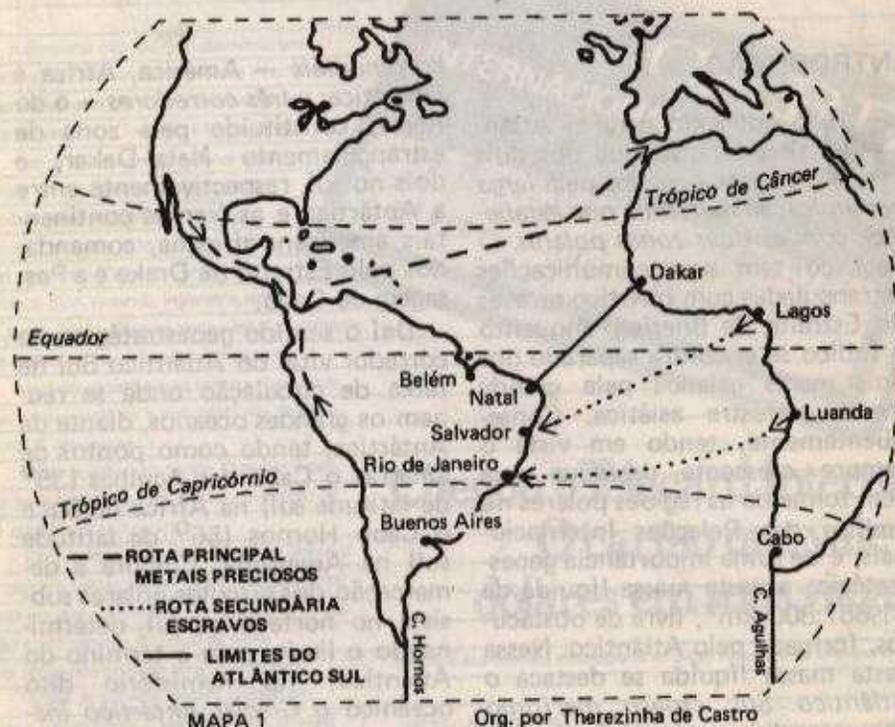
Glacial Ártico é um mar do tipo interior, aceita-se o Glacial Antártico como um mar do tipo marginal; daí a problemática da Antártica ser bem mais complexa que a do Ártico.

Para a OTAN o limite do Atlântico Norte e Sul é determinado pelo Trópico de Câncer, muito embora geograficamente se imponha a linha do equador. Na realidade porém, a divisão do Atlântico em duas zonas geoestratégicas definidas se faz na área em que o entorno continental sul-americano, o saliente nordestino do litoral brasileiro, se projeta para a protuberância da África Ocidental. A linha divisória é uma reta inclinada, vis-

to que Natal no Brasil se localiza ao sul do equador, enquanto Dakar no Senegal se encontra ao norte do círculo máximo da Terra. (Mapa 1)

A despeito, no entanto, dos limites artificiais, uma curiosa homologia caracteriza o Atlântico de norte a sul, nos recortes costeiros existentes entre as Américas de um lado e a Europa-África do outro. Homologia tal, que praticamente *cada reentrância no lado americano corresponde a uma saliência no setor euro-africano*. Tal concordância levou Wegener a jus-

1 Mantendo, conseqüentemente entre as duas zonas um Atlântico Central que se estende do conturbado Caribe ao cobiçado Mediterrâneo.



tificar sua teoria da deriva dos continentes com base sobretudo no Atlântico Sul, onde a América do Sul e a África seriam unidas pelos litorais que hoje nada mais são do que uma linha de fratura.

Para alguns estudiosos o Atlântico se formou depois do Índico e do Pacífico, e, como o mais jovem de todos, não se pode falar nele durante as eras primária e secundária. Num contraste, porém, do que ocorre com o elemento líquido, as massas terrestres centradas no hemisfério continental, na faixa das várias planícies que circundam o Ártico, dão, em sua simetria, a idéia de que as áreas territoriais foram forjadas por forças naturais numa nítida tendência a ser antípoda ao mar. Por isso, nessa assimetria, enquanto as terras que rodeiam o Pacífico, caracterizadas por um cinturão vulcânico, demonstram sua juventude geológica, as do Atlântico, bem mais arcaicas, apresentam apenas dobras montanhosas em suas costas. Disto resultou e resulta *uma atividade geopolítica bem maior para o Atlântico*, de costas baixas e aptas para melhores instalações portuárias; e, em torno do Atlântico que aproxima os continentes, temos a visão de que a América é um apêndice longo e curvo da Eurásia, enquanto a África nada mais é do que uma simples península do Velho Mundo. E é justamente nesse entrosamento terramar, no complexo maritimidade versus continentalidade que se impõe a Oceanopolítica no âmbito das Relações Internacionais. (Mapa 2)



MAPA 2

Org. por
Therézinha de Castro

Considerado o Atlântico Norte como uma bacia fechada, ele vai diferir essencialmente do Atlântico Sul, que se comunica largamente com o Glacial Antártico e, nas mesmas condições, com o Índico e o Pacífico, fechando-se no norte através de autêntica linha de estrangulamento. Dentro do enfoque geoestratégico, observa-se que *a linha de defesa é bem mais forte quando tem por base a solidarieda-*

de marítimo-terrestre. E dentro de tal premissa, observa-se que, centrando-se no Atlântico Norte, existe uma rota contínua devido à quase seqüência de terras e águas. Já no Atlântico Sul, as terras se caracterizam pelo isolamento, constituindo-se em fímbrias ou arremates das comunidades existentes no norte. Este aspecto fisiográfico tem contribuído para que *no jogo geopolítico os países do Atlântico Norte venham dirigindo os destinos das nações dependentes do Atlântico Sul*, num caracterizado eixo Leste-Oeste, que forma a OTAN, sobrepondo-se ao eixo Norte-Sul, constituído pelo TIAR. Delimitando parte da área oceânica costeira ao continente americano, o TIAR, nem chega, ao menos, a converter o Atlântico Sul num "funil" geoestratégico com sua extremidade na Antártica e a base maior na zona de estrangulamento Dakar-Natal. E, no contexto regional, neste flanco desguarnecido, a despeito da instabilidade geopolítica da República África do Sul-Namíbia ao lado das atividades cubanos-soviéticas em Angola, também não foi possível a concretização da OTAS (Organização do Tratado do Atlântico Sul) proposto em 1976.

A fisiografia também contribuiu para que se instalasse no Atlântico Norte a zona do Globo mais afeita à expansão do elemento humano, envolvida na dinâmica geopolítica. Envolvimento tal, que antes mesmo da era oceânica propriamente dita, os nórdicos saindo da Europa Setentrional atingiam a América do Norte, que, por sua vez, tam-

bém recebia imigrantes asiáticos; o embate viking-esquimó permitiu que existisse, desde a antiguidade remota, a mais estreita ligação entre a Eurásia e América nas altas latitudes. Contrastando só na era moderna, quando o tráfego passou a se fazer por mar — Rota Cabo-Estreito de Magalhães, quando a América do Sul e África puderam participar da vantagem de se posicionarem no eixo principal da circunavegação Atlântico-Índico e Atlântico-Pacífico.

Finalmente, na era contemporânea, com a abertura dos Canais de Suez e do Panamá, veio a se firmar mais uma vez a solidariedade marítimo-continental centrada no Atlântico Norte, marginalizando-se de novo as terras do Atlântico Sul. Marginalização que a dinâmica geopolítica tende a anular em nossos dias, ante a possível obsolescência Suez-Panamá e o renascimento Magalhães-Cabo. Eis, pois, na Oceanopolítica, *o jogo de influências entre o Atlântico Norte e o Atlântico Sul*.

DINÂMICA GEOPOLÍTICA

No aspecto regional do Atlântico Sul, numa combinação geral orografia-hidrografia, a fisiografia africana contribuiu no sentido de impedir qualquer movimentação de penetração para o interior. O relevo alto no litoral atlântico sul-africano contrasta com as mais baixas altitudes do setor sul-americano. Tal aspecto contribuiu para a *quase invulnerabilidade da África Sul-Atlântica*, transformando-a num continente auto-fechado

que durante muito tempo só se comunicou com o exterior através da estreita linha costeira. Por sua vez, os rios africanos, ao contrário das bacias fluviais sul-americanas (sobretudo a Amazônica e a Platina) não desempenharam seu papel geohistórico natural de vias de comunicação e portas de acesso ao continente.

Na *América Sul-Atlântica a facilidade oferecida pela orografia-hidrografia* levou os colonizadores ibéricos a ignorar até mesmo suas ilhas oceânicas. Contrastando com os fatores negativos, as ilhas litorâneas africanas, mais fáceis por seu posicionamento de serem ocupadas e defendidas, serviram de trampolins para o estabelecimento posterior na zona costeira. Nessas condições, Bolama constituiu o núcleo geohistórico da Guiné-Bissáu; por sua vez, Goré, no Arquipélago de Cabo Verde, foi o ponto de partida que os franceses encontraram para controlar o Senegal; as mesmas funções tiveram Anobóm, Fernando Pó, S. Tomé e Príncipe. Daí ter afirmado Jaime Cortesão² que "S. Tomé foi o núcleo colonizador onde se espalharam as feitorias do Golfo da Guiné nos atuais territórios da Nigéria, Camerun, Gabão e que fixou igualmente a importância de Angola".

Enquanto a *América do Sul-Atlântica se manteve durante três séculos na esfera exclusiva luso-hispânica*, protegida por um cinturão de fortes que pontilhavam o litoral desde o Prata até Macapá,

acima do equador, a *fisiografia africana*, contribuindo para um estabelecimento geohistórico ocasional costeiro durante vários séculos, trouxe como consequência geopolítica a mudança de donos inúmeras vezes. Assim, os colonizadores iniciais portugueses, seguidos pelos espanhóis e depois pelos holandeses —, já no século XIX haviam sido, em muitas áreas, substituídos pelos ingleses e franceses. Antes mesmo que o interior fosse conhecido, já quase todos os melhores trechos da costa haviam caído em poder das duas super-potências da época. A essas vieram, posteriormente se juntar a Alemanha, a Itália e a própria Bélgica, depois de terem, dentro da política das nacionalidades, unificado seus próprios territórios europeus. Processo histórico ocasionador, dentro da dinâmica geopolítica, a que o Atlântico Sul se transformasse num ibero-oceano.

Em se tratando da *topografia*, o Atlântico Sul, em linhas gerais, apresenta-se com aspecto de grande simplicidade. A *plataforma continental* é estreita de ambos os lados, comparativamente com a da embocadura do Prata para o sul. Muito embora o Atlântico Sul seja o oceano de recepção dos maiores volumes de águas fluviais, caracterizadas como forças destruidoras do relevo continental, os materiais, produtos das erosões dos rios, são quase nulos ao largo do Congo e mais encontradiços na foz do Prata.

As grandes profundidades das *regiões abissais*, com mais de 5.000 metros, se encontram a uma

² "Os Portugueses em África" — Lisboa, 1968.

distância relativamente curta tanto da costa sul-americana quanto da africana; de um lado estão as depressões ou *Bacias do Brasil e da Argentina*, do outro as *Bacias do Congo e do Cabo*.

Essas bacias têm milhares de metros de profundidades e constituem esconderijo ideal para os gigantes submarinos nucleares. Alguns analistas militares associam estes submarinos às últimas informações sobre águas profundas dos oceanos, onde se podem esconder e esperar para atacar embarcações inimigas em caso de guerra. Os alvos em potencial dos atuais submarinos nucleares de longo alcance incluem plataformas para a exploração do petróleo no mar, assim como petroleiros e navios de guerra adversários. "A defesa do Atlântico Sul pelo Ocidente (inserida na defesa do Atlântico como um todo), na paz ou na guerra, só se nos afigura exequível dentro do quadro de um sistema de alianças militares eficazes, bem concebidas e solidamente estruturadas. Nenhuma das Marinhas regionais, isoladas ou em conjunto com as demais, poderá exercer hoje nessa área influência suficientemente poderosa. Achamos que caso existisse uma organização militar coletiva envolvendo algumas potências militares mais expressivas, seria uma forma de tentar conter a expansão livre e desenfreada do poderio soviético no Atlântico Sul"³. Sobretudo se levarmos em conta

que o conceito de deterência do Kremlim evoluiu da ênfase inicial defensiva, de prevenção dos conflitos, para processos dinâmicos ofensivos que venham a satisfazer os interesses internacionais do país. No momento, pois, em que a América do Sul era considerada como um glaci geopolítico dos Estados Unidos, Cuba passava a realizar as ambições russas na África, colocando-se, para sua logística, na mais estreita dependência do Kremlim. Conseqüentemente a *defesa dos Ocidentais passou a se ressentir no setor geoestratégico da zona periférica do Atlântico Sul*, onde a América e a África eram simplesmente "identificadas como o 16º setor geográfico a apresentar interesses vitais para os Estados Unidos"⁴.

A quase simetria das bacias do Atlântico Sul se contrapõe à linha estável da cadeia submarina. Os picos dessa *dorsal atlântica* emergem ao largo da costa africana através das Ilhas de Ascensão, Santa Helena, Tristão da Cunha, complementando-se nas Malvinas, Trindade-Martim Vaz e Fernando de Noronha-S. Pedro e S. Paulo.

Os ventos fortes são praticamente desconhecidos nas costas africanas e no meio do Atlântico Sul; são raros nas costas brasileiras e uruguaia, mas são freqüentes ao longo da foz do Prata e na zona marginal ao Glacial Antártico. Assim, *o Atlântico Sul é o único oceano tropical isento dos violentos ciclones*, constituindo-se na

3 "Atlântico Sul - Sua Importância Estratégica" - A Defesa Nacional - nº 688 - março/abril de 1980 - General Carlos de Meira Mattos.

4 "Quelle sécurité pour Afrique?" - Politique Internationale nº 18 - Hiver 1982/83 - Charles Zorgbibe.

zona dos anti-ciclones centrada nos 30° de latitude sul e entre 0° e 15° de longitude oeste, portanto mais próxima da África do que da América do Sul. Em torno dessa área anti-ciclônica, o aliseo do sudeste tem direção bem regular no meio do Atlântico Sul, infletindo de leste para oeste ao se aproximar da América na altura dos 15° de latitude sul para então tomar a direção nordeste-sudoeste ao longo da costa brasileira.

Por sua vez, no Atlântico Sul, o movimento geral das águas de superfície desenhavam um circuito no sentido anti-ciclônico. Como corrente inicial surge a *Sul-Equatorial*, cujas águas conservam a direção geral leste-oeste até 15° de latitude sul. Numa inflexão para a esquerda dá origem à *Corrente do Brasil* cujas águas se dirigem para o sudoeste seguindo toda a costa da América do Sul. Ao sul do Brasil e costa do Uruguai a corrente se desvia para o sudoeste e, encurvando-se em torno da área ciclônica, recebe as águas frias da *Corrente das Malvinas*. Fecha-se finalmente o circuito do Atlântico Sul através da *Corrente de Benguela*. As derivas dessas correntes marítimas são caracterizadas como autênticos circuitos de ligação formando, naturalmente, o laço entre as águas americanas e africanas. Laços que no entanto não atraem, entre si, as costas africanas e americanas, tal como ocorre no Atlântico Norte com a Corrente do Golfo. Justificando-se mais uma vez, a atração terra-mar no Atlântico Norte, de navegação intensiva, para o que ainda concorre a imensi-

ção do Pacífico, que se torna um oceano de navegação intensiva. Justificando-se também a *retração continental no Atlântico Sul* pela concorrência que lhe promove esse mesmo oceano Índico, de navegação intensiva. Caracterizando-se no contexto, mais uma vez, a predominância do mar sobre o continente com reflexos importantes não apenas no setor geoeconômico, mas sobretudo no geopolítico e geoestratégico.

Concluindo-se de um modo geral, que ante a incipiente arte de navegar, foram os ventos, as correntes marítimas e as linhas oceânicas do Atlântico Sul que muito contribuíram, no alvorecer da Idade Moderna, dentro da dinâmica geopolítica, para desvendar os dois continentes que repartem as suas ribeiras — a América do Sul e a África. Quando na Idade Moderna a humanidade se lançou na chamada rota oceânica, passou, de início, a depender do regime dos ventos; em função destes regimes surgiram, nos oceanos, as zonas de concentração do tráfego e as zonas ditas desérticas. Dependendo dos ventos favoráveis, os navegadores dependeram também das ilhas, verdadeiros trampolins de segurança, bases de apoio intercaladas nas rotas oceânicas; a essa autêntica *vertebração geopolítica*, toda envolvida inicialmente nos domínios portugueses e depois repartida com os espanhóis, J. Vicens Vives dá o nome de *diagonal insular*⁵.

No Atlântico, a Rota das Índias criou a diagonal insular num seg-

⁵ "Tratado General de Geopolítica" — Barcelona, 1950.

mento de retas desde Lisboa até Buenos Aires. Segmento de retas constituído inicialmente por arquipélagos integrantes do Atlântico Norte: *Açores* (2.305 km²) considerado mais europeu do que africano, e hoje importante ponto de apoio para a OTAN; a *Madeira* (797 km²), as *Canárias* (9.273 km²) e *Cabo Verde* (3.928 km²). Este último arquipélago, separado da costa africana por apenas 500 km, quer como ponto de escala de navegação oceânica para a América do Sul, quer, posteriormente, como base útil para o comércio escravagista, desempenhou importante papel na área do Atlântico Sul. Sobretudo ao se apoiar no vértice do Golfo da Guiné, onde, alinhadas da direção sudoeste, se localizam *Fernando Pó* (2.017 km²), integrando hoje a República da Guiné Equatorial, *S. Tomé* (816 km²), *Príncipe* (128 km²) formando uma república independente, e a menor de todas *Anobom* (17 km²). Dentro dessa diagonal as contingências conduziram os navegadores, que até então se limitaram a circundar as costas da África, para as ribeiras da América do Sul; no contexto passaram a se intercalar as bases de *Ascensão* (82 km²), *Santa Helena* (122 km²) e *Tristão da Cunha* (54 km²) como flancos da Rota para as Índias. (Mapa 3) Conseqüentemente, no todo, de norte para sul, esses arquipélagos e ilhas se constituíram nas linhas vertebrais da expansão atlântica-ibérica, inicialmente em direção ao Oriente para alcançar posteriormente o Ocidente.



MAPA 3

Org. por Therezinha de Castro

Esse segmento de ilhas se caracteriza pela natureza vulcânica, aspecto montanhoso e pequena área; e que, de pontos de apoio na esteira oceânica do passado, se transformaram, na atualidade, em elementos chave de valor geoestratégico. Importância geoestratégica reconhecida no Atlântico Sul, sobretudo para: Tristão da Cunha, a 2.300 km da costa africana e apenas 400 km de Gough, já na zona subantártica; Santa Helena, a 1.900 km da África e 3.500 km do Brasil, integrando-se com Ascensão da qual dista 1.330 km, que se encontra na metade do caminho entre os dois continentes que dividem entre si a parte meridional do oceano — a América e a África Ocupadas pela Inglaterra, quando Portugal perdia a primazia nos m-

res, o triângulo geoestratégico formado por Ascensão, Santa Helena e Tristão da Cunha reflete bem a importância como trampolim para a América do Sul e bases de apoio na Rota do Cabo. (Mapa 3) E, se no contexto Atlântico-Pacífico, a presença física da OTAN nas Rotas Magalhães-Drake se limita às Malvinas (reclamadas pela Argentina), na passagem Atlântico-Indiano avulta o triângulo geoestratégico Ascensão-Santa Helena-Tristão da Cunha. A distribuição tácita dessas ilhas no Atlântico Sul exclui a constituição de uma OTAN; muito embora se deva reconhecer, que no âmbito regional, na hipótese de um conflito mundial, tenha que ser incluída nos planos do Ocidente uma ação compartilhada — Bloco Ocidental-Brasil-África do Sul.

Em face a atual situação no Atlântico Sul, onde os arquipélagos sub-antárticos — *Shetlands do Sul*, *Orcadas do Sul*, *Sanduiches do Sul*, *Gough e Geórgias do Sul*, têm também soberanias contestadas, as *Malvinas* (16.384 km²), a *Trindade* (16 km²) e *Fernando de Noronha* (25 km²) constituem postos avançados para a guarda e integridade da costa americana pertencente ao Brasil, Uruguai e Argentina. (Mapa 3) Na zona de estrangulamento do Atlântico, Fernando de Noronha tem seu papel geoestratégico destacado desde a Segunda Guerra Mundial, enquanto Trindade, que dista 700 km do litoral brasileiro, adquiriu novo sentido com o renascimento da Rota do Cabo. Constituindo-se num dos pontos do triângulo geo-

estratégico formado por Fernando de Noronha e Trindade, o Arquipélago das Malvinas, a 700 km do litoral argentino e 535 km do Estreito de Magalhães, ocupa posição chave no controle da passagem Atlântico-Pacífico.

O terceiro triângulo geoestratégico do Atlântico Sul, formado pelas *Shetlands do Sul*, *Orcadas do Sul*, *Sanduiches do Sul*, *Gough e Geórgias do Sul*, tem significado marcante por se interpenetrar com os dois outros triângulos da dorsal atlântica. (Mapa 3) Esse triângulo de trampolins insulares posicionado no corredor vital da bacia aberta do Glacial Antártico, forma, com a Antártica, um flanco de retaguarda no Atlântico Sul, que desafia o espaço geopolítico da esfera de domínio da América e África.

Sabe-se que durante a Primeira Guerra Mundial nem todas as batalhas se travaram ao norte do Trópico de Câncer. Não pode ser esquecida a Batalha do Atlântico Sul durante a Segunda Guerra Mundial, quando considerável parte da tonelagem perdida se deveu à "guerrilha marítima" feita por couraçados e navios mercantes equipados com canhões. A despeito da guerra eletrônica durante o conflito das Malvinas (1982), as realidades geoestratégicas em quase nada mudaram desde a Segunda Guerra Mundial, e, em se tratando do Atlântico Sul, quer pelo posicionamento que vem tomando a Rússia, quer pelas discórdias do Grupo Ocidental, vem se transformando numa área de grande poder de confrontação.

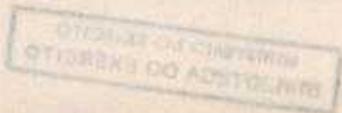
Sem ultrapassar Gibraltar, a OTAN não alcança a zona de estrangulamento do Atlântico; como simples reflexo da política soviética na Europa não exprime, na realidade, as solidariedades continentais americanas. Nessas condições, podemos afirmar que nesse Atlântico caracterizadamente inter-continental, vulnerável em seu extremo sul por uma Antártica e zona sub-antártica sem estatuto político, e ladeado por uma "área infantil" africana, ainda sem definição no âmbito das Relações Internacionais, a OTAN fixou um limite geopolítico que pensou ser estratégico, num acordo histórico que ignorou a geografia.

E nessa área indecisa do Atlântico Sul, tanto o Brasil quanto a Argentina e o Uruguai, que escoam os interiores formados pela Bolívia e Paraguai, todos, sem exceção são países altamente dependentes das rotas marítimas de importação e exportação. E o comércio desses países sul-americanos esteve na iminência de ser inviabilizado quando o Lloyd's, de Londres, — instituição detentora de 95% do mercado de resseguros na área do transporte marítimo — ameaçou de aplicar um adicional de 1.000% sobre a taxa de risco de guerra constante das apólices de seguros aos navios que atravessassem a zona de exclusão do Atlântico Sul durante a Guerra das Malvinas. Mesmo tendo recuado em sua decisão, baixando o adicional para 300%, o Lloyd's deu aos sul-americanos a noção exata de sua vulnerabilidade diante de impasses como este. Daí ter ficado

profundamente abalada a confiabilidade da instituição junto aos países americanos. Confiabilidade, não só "no sentido técnico ou financeiro, mas através da constatação de que nenhuma ética impede que o controle de determinada atividade econômica se converta, ao sabor das circunstâncias, em poder de pressão política"⁶. Tendo sido a Argentina o grande alvo do Lloyd's, passou esse país a liderar o movimento em prol da criação de uma instituição latino-americana de resseguros que venha a contribuir para a quebra do poder de monopólio inglês.

Atualmente, em face de interesses meramente locais, em termos de segurança, o Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai são membros do "South Atlantic Maritime Area Command" ou CAMAS (Comando da Área Marítima do Atlântico Sul), cuidando, num âmbito muito restrito da cooperação no desenvolvimento de planos e da realização de exercícios para proteção da navegação na área. No conjunto porém, "o Brasil domina o Atlântico Sul a tal ponto que se tornam necessários outros acordos para obter o direito ao uso de bases nos demais países sul-americanos que permitam o acesso a aeródromos periféricos capazes de apoiar guerra anti-submarino com aviões baseados em terra. . . Desde o momento em que um navio mercante parte do Cabo da Boa Esperança (a 35° de latitude sul em trânsito pelo Atlântico até passar

⁶ "Portos e Navios" — V. 25 — N. 274 — Junho de 1982.



a 15° de latitude norte, a caminho de Nova York, Londres ou Gibraltar), ele estará mais próximo de portos do Brasil do que de qualquer outro país sul-americano". Além disso, negociar acordos sobre o uso de bases com apenas um país (no caso o Brasil), em vez de pelo menos 13 países (o que seria o caso da costa ocidental africana) conclui o Contra Almirante Clarence A. Hill Jr.⁷, "fornece flexibilidade máxima no movimento de aeronaves de uma base para a outra, e permite a concentração de forças em qualquer área da rota de comboio, segundo as condições o exigirem".

No contexto regional do Atlântico Sul, em se tratando do fator latitude, de um modo geral a América do Sul se assemelha bem mais à África do que a qualquer outro continente. Em contrapartida, porém, mais da metade do continente africano se encontra ao norte do equador enquanto a parte mais extensa da América do Sul se concentra no hemisfério sul. Nesse sentido, o fator latitude caracteriza a América e África Atlântica numa nítida diferenciação climática do tropical ao equatorial e ao temperado.

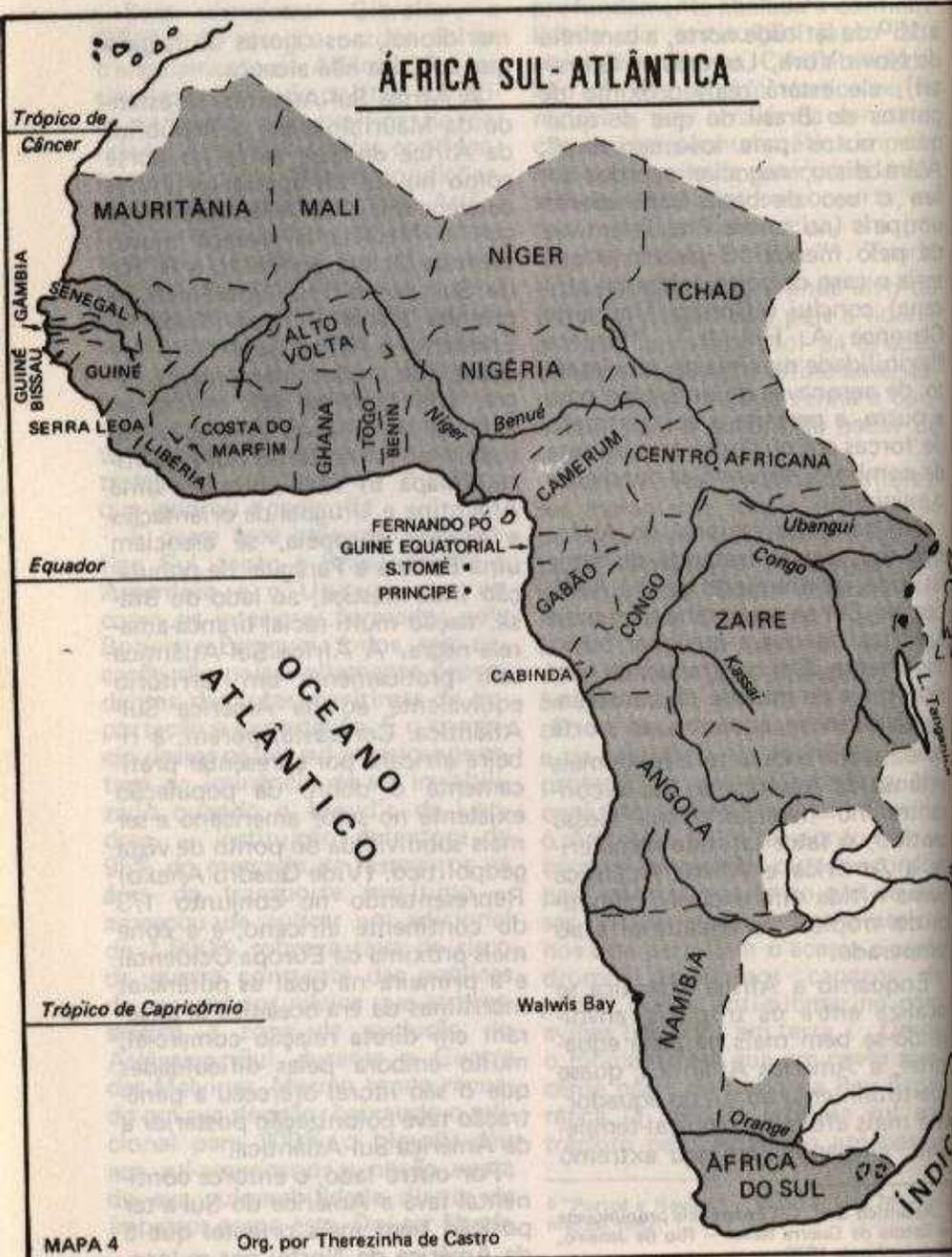
Enquanto a África Atlântica se localiza entre os trópicos, envolvendo-se bem mais na zona equatorial, a América Atlântica, quase que totalmente ao sul do equador, está mais afeita ao tropical-temperado, chegando, em seu extremo

meridional, aos rigores do frígido que a África não alcança.

A África Sul-Atlântica se estende da Mauritânia até a República da África do Sul; tanto no norte como no sul ultrapassa os limites convencionais do Atlântico Sul, já que a Mauritânia avança muito além de Dakar, enquanto a África do Sul, como país bioceânico, se estende até o Índico. (Mapa 4) Enquanto a África Sul-Atlântica é quase que predominantemente negra, coexistem as três etnias, ao lado da continuada imigração européia na América do Sul-Atlântica. (Mapa 5) Isto porque a uma Argentina e Uruguai de orientação e origem européia, se associam uma Bolívia e Paraguai de população indo-mestiça, ao lado do Brasil, nação multi-racial branca-amarela-negra. A África Sul-Atlântica tem praticamente um território equivalente ao da América Sul-Atlântica. Contrasta, porém, a ribeira africana por apresentar praticamente o dobro da população existente no setor americano e ser mais subdividida do ponto de vista geopolítico. (Vide Quadro Anexo) Representando no conjunto 1/3 do continente africano, é a zona mais próxima da Europa Ocidental e a primeira na qual as potências marítimas da era oceânica se puseram em direta relação comercial, muito embora pelas dificuldades que o seu litoral ofereceu a penetração teve colonização posterior a da América Sul-Atlântica.

Por outro lado, o entorce continental leva a América do Sul a ter posição bem mais oriental que a da América do Norte; por se loca-

⁷ "Atlântico Sul" - Conferência pronunciada na Escola de Guerra Naval - Rio de Janeiro, 26 de junho de 1970.



MAPA 4

Org. por Therezinha de Castro

lizar quase que totalmente a leste do meridiano de Nova Yorke, o continente sul-americano pode ser caracterizado como a América do Leste. O termo América do Leste tem conotações geopolíticas profundas, por mostrar que o continente americano, sobretudo a zona banhada pelo Atlântico Sul, está bem mais próximo da África e da Europa do que propriamente da América do Norte. Em suma, as conotações geopolíticas dessa América Sul-Atlântica são ainda mais profundas se observarmos que vem num crescendo a atuação da África no âmbito das Relações Internacionais.

CONCLUSÃO

Observadas as *entidades geopolíticas dependentes da África Sul-Atlântica*, excetuando-se a República da África do Sul, a paisagem psicossocial é a de países sub-desenvolvidos, integrando o estágio mais pobre do Terceiro Mundo, mesmo que, como o Gabão e a Nigéria integram a OPEP. Caracterizam-se esses países por uma baixa renda nacional *per capita*; índice de cultura pobre, com baixo nível de politização; população rural vinculada a uma economia agrária monocultora; predomínio da indústria extrativa sobre a manufatureira; desequilíbrio no comércio exterior; e finalmente com capital doméstico insuficiente não só para o seu desenvolvimento econômico, como para a própria continuidade política. Do outro lado, *a América Sul-Atlântica apresenta-se bem mais coesa*

ante a vantagem de estar integrada no âmbito das Relações Internacionais vários séculos na frente do continente africano. O processo de descolonização sul-americano vem do Século XIX; o da África se efetuou praticamente na segunda metade do Século XX. Consequentemente, as relações entre esse mundo africano e a civilização ocidental estão minadas ainda por complexos de inferioridade, muito mais arraigados que os existentes no mundo americano do Século XIX.

A América Sul-Atlântica foi libertada pelo descendente do branco europeu e, portanto, continuou européia; o índio, considerado autoctone, ao lado do negro aclimatado, simplesmente se integraram ao novo estatuto político. *A herança geopolítica sul-americana atlântica passou do patriarca colonizador europeu para seu descendente-herdeiro americano*. E nesse processo quase que pacífico, de luta só contra o governo da metrópole, muitos colonizadores continuaram a viver na América ao lado dos colonizados. *Na África houve a substituição, sem ao menos o processo transitório; a independência resultou no ato de expulsão do patriarca europeu, e não a sua substituição, mas sim a troca por um líder da tribo que mais poder exercia sobre as demais ou que mais ajuda concreta teve de uma nação estrangeira*. No caso de Angola, por exemplo, Agostinho Neto, auxiliado pela Rússia, levou vantagem sobre Holden Roberto, que teve o auxílio dos Estados



MAPA 5

Org. por Therezinha de Castro

Unidos, depois suspenso por imposição do Congresso.

Na América do Sul-Atlântica, — S. Paulo, Rio de Janeiro, Salvador (topônimos de origem bem portuguesa) ao lado de Buenos Aires, Montevideo, Assunción e La Paz (bem espanhóis) não foram cogitados, nem de leve (mesmo no Paraguai e Bolívia de grande herança indígena), de serem substituídos pelos libertadores. Na África não só inúmeros topônimos foram substituídos, como ainda nomes próprios personativos foram trocados, como se esses atos pudessem apagar os laços coloniais que trouxeram a África para o seio da comunidade de nações civilizadas.⁸

Observa-se, pois, que *o relacionamento entre esse mundo africano e a civilização ocidental atlântica é dominado ainda por complexos de inferioridade* que lhes entravam o processo de auto-suficiência. Complexo de inferioridade que leva grande parte das nações africanas, que repartem com a América o Atlântico Sul, a desviá-las para um regime ditatorial-tribal, mascarado com certa dose de marxismo-leninismo. Nesse contexto *é bastante vantajosa para a Rússia a criação de regimes marxistas-leninistas dirigidos na África Sul-Atlântica*, que com custo relativamente pequeno e pouco

risco, reforçam o posicionamento geoestratégico do Kremlin. E nesse mister, os instrumentos convenientes são as tropas cubanas, por duas razões principais: a primeira, por evitar um confronto direto com a OTAN, visto que Cuba não integra o Pacto de Varsóvia; a segunda, por mascarar a presença direta de uma super-potência (no caso, a própria Rússia), através de Cuba, país que se diz "não-alinhado", pertencente ao Terceiro Mundo, e profundamente anti-racista, já que conta com o elemento negro em sua formação étnica.

Contrastando com a África, a América Sul-Atlântica, a despeito de certo "anti-americanismo" somente relacionado com os Estados Unidos, *a presença efetiva do ocidentalismo constitui o entrave para uma aproximação mais íntima com o Bloco Comunista.*

Falta no contexto do Atlântico Sul uma estrutura psicossocial; se do lado americano já se pode falar em solidariedade regional; no setor africano tribalista, onde na prática existe mais um verniz colonial do que propriamente civilização ocidental, esse fator inexistente. Inexiste, visto que na África Sul-Atlântica nem ao menos se efetuou a transição da passagem dos Estados Nacionais para os chamados complexos inter-continentais.

Se a América Sul-Atlântica já apresenta uma base geohistórica dentro do "destino manifesto atlântico". . . não há ainda uma "consciência atlântica" na África, com base geográfica mas sem laços históricos de lhes imponha o "destino manifesto".

⁸ Dentro da campanha de "africanização" a Costa do Ouro passou a chamar-se Ghana, Nova Lisboa transformou-se em Huambo, Leopoldville é hoje Kinshasa, e o próprio líder zairense Joseph, repudiando o nome europeu passou a assinar-se Mobutu Sese Seko; apenas como poucos exemplos.

QUADRO – ANEXO

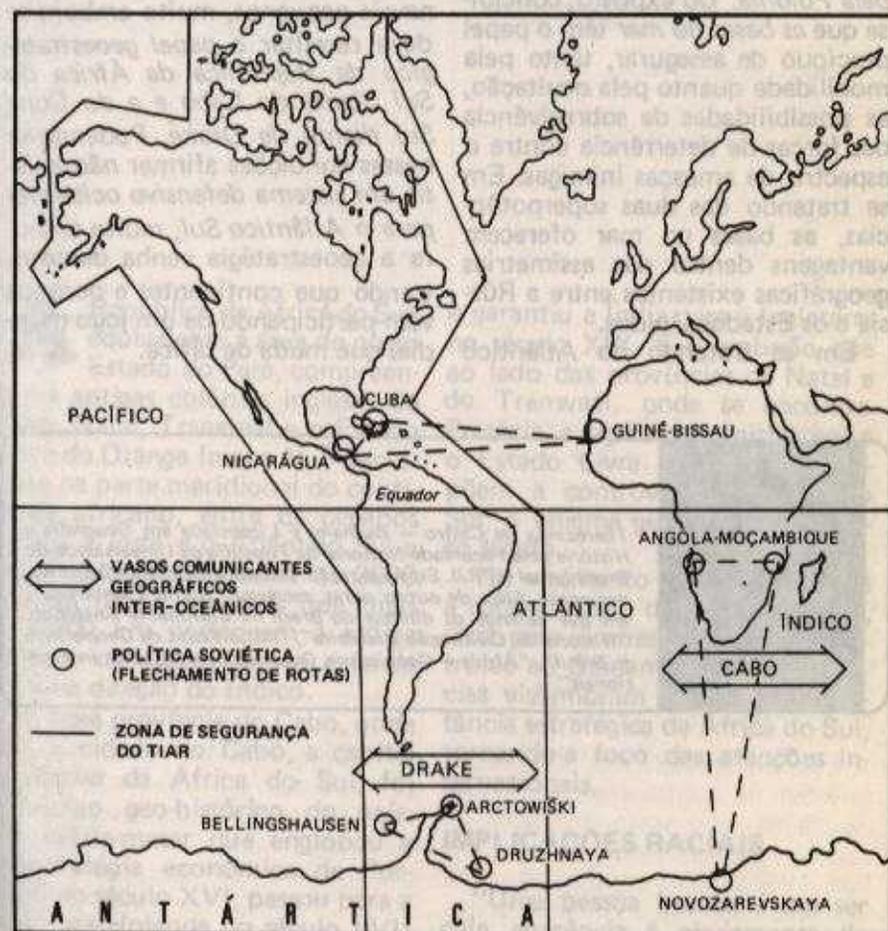
País	Área (km ²)	População (1980)
Africa Sul – Atlântica		
1 – Zaire	2.345.409	27.869.000
2 – Tchad	1.284.000	4.405.000
3 – Níger	1.267.000	5.150.000
4 – Angola	1.246.700	6.768.000
5 – Mali	1.240.000	6.465.000
6 – África do Sul	1.221.037	23.771.000
7 – Mauritânia	1.030.700	1.540.000
8 – Nigéria	923.768	74.600.000
9 – Namíbia	843.000	989.000
10 – Centro-Africana	622.984	2.305.000
11 – Camerum	475.442	8.250.000
12 – Congo	342.000	1.500.000
13 – Costa do Marfim	332.462	7.920.000
14 – Alto Volta	274.200	6.728.000
15 – Gabão	267.667	538.000
16 – Ghana	238.537	11.320.000
17 – Senegal*	196.722	5.518.000
18 – Benin	122.622	3.377.000
19 – Libéria	111.369	1.800.000
20 – Serra Leoa	71.740	3.380.000
21 – Togo	56.785	2.240.000
22 – Guiné-Bissáu	36.125	560.000
23 – Guiné-Equatorial	28.051	346.000
24 – Gâmbia*	11.295	580.000
25 – Cabo Verde	4.033	320.000
26 – S. Tomé-Príncipe	964	82.000
Total	13.575.712	208.356.000
América Sul – Atlântica		
1 – Brasil	8.511.965	119.061.000
2 – Argentina	2.776.889	27.064.000
3 – Bolívia	1.098.581	5.570.000
4 – Paraguai	406.752	2.970.000
5 – Uruguai	176.215	2.880.000
Total	12.969.402	157.545.000

* Oficialmente unidos em fevereiro de 1982 com o nome de Senegâmbia

Conseqüentemente, se a regionalização geopolítica, geoeconômica e psicossocial não é um fato no Atlântico Norte, tal como ocorre no Atlântico Norte, como imaginar que possa surgir daí uma aliança como a OTAN dentro da coexistência geoestratégia?

No âmbito heterogêneo do Atlântico Sul, numa superposição com o que Mahan chamava de

"flechar rotas", e que consiste em formar uma grande marinha oceânica para dominar pontos geoestratégicos; pontos esses que venham a facilitar o controle dos "vasos comunicantes inter-oceânicos", destacam-se logo como pontos regionais, com profundos reflexos no âmbito das Relações Internacionais, as passagens do Cabo e de Drake. (Mapa 6) A passagem do



MAPA 6

Org. por Therezinha de Castro

Cabo esta bastante ameaçada pelas estruturas de apoio que a Rússia mantém em *Angola-Moçambique*; e para formar o triângulo geoestratégico mantém, na Antártica, a base de *Novozarevskaya*. A passagem de Drake se encontra na mira das bases de *Druzhnaya* e *Belingshausen* (russas); completando o triângulo geoestratégico nessa zona austral do TIAR se encontra a base de *Arctowski*, administrada pela *Polónia*. Do exposto, conclui-se que as bases no mar têm o papel precípuo de assegurar, tanto pela mobilidade quanto pela ocultação, as possibilidades de sobrevivência das forças de deterrência contra o espectro de ameaças inimigas. Em se tratando das duas superpotências, as bases no mar oferecem vantagens dentro das assimetrias geográficas existentes entre a Rússia e os Estados Unidos.

Em se tratando do Atlântico

Sul, deriva-se no contexto regional, em forma genérica, o importante papel das Armadas do Ocidente na próxima década. Papel não somente no setor da defesa nacional como também dentro do caráter regional, orientado para a proteção das passagens vitais que vinculam os países do mundo livre. No caso específico do Atlântico Sul, desde a linha do equador até a Antártica, só existem núcleos navais pequenos, muito embora se deva ressaltar o papel geoestratégico da República da África do Sul diante do Cabo e a do Cone Sul diante de Drake. Podendo-se nessas condições afirmar não existir um sistema defensivo ocidental para o Atlântico Sul, muito embora a geoestratégia venha demonstrando que continentes e oceanos vêm participando de um jogo mundial que muda de tática.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".

